

“O TEMPO DO CLIMA”: POESIA INDÍGENA PARA INSPIRAR A FORMAÇÃO DE SUJEITOS ECOLÓGICOS EM TEMPOS DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS

“LA TIEMPO DEL CLIMA”: POESÍA INDÍGENA PARA INSPIRAR LA FORMACIÓN DE SUJETOS ECOLÓGICOS EN TIEMPOS DE CAMBIO CLIMÁTICO

Janelene Freire Diniz¹
Clarides Henrich de Barba²

RESUMO

Trata-se de um ensaio teórico que busca tecer algumas reflexões acerca da força ancestral e educativa de dois poemas de autoria da indígena poetisa, ambientalista e ativista Márcia Wayna Kambeba para refletir a urgência das mudanças climáticas. A poética de Kambeba transporta consigo a potencialidade ancestral da conexão com a Mãe-Terra, a sabedoria de quem aprendeu com o seu povo a preservar o pertencimento e o respeito à natureza. Cada palavra, cada verso evocam uma percepção de mundo respeitoso, ecológico e solidário, de quem permaneceu em conexão com a Terra. Sua sensibilidade e resistência poética convidam a repensar o modelo atual de sociedade capitalista, no qual o capital econômico se sobrepõe à vida, o lucro se sobrepõe à floresta, o individualismo à coletividade. Assim, pensamos que refletir as alterações do clima provocadas em razão de ações antrópicas devido aos modos de viver hegemônicos em um mundo globalizado, por meio dessa potência poética que inspira e convoca para a mudança, pode configurar como prática de resistência para contribuir para a formação de sujeitos ecológicos, conforme Carvalho (2017).

Palavras-chave: Poesia. Márcia Wayna Kambeba. Mudanças climáticas. Sujeito ecológico.

RESUMEN

Este es un ensayo teórico que busca tejer algunas reflexiones sobre la fuerza ancestral y educativa de dos poemas escritos

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Marília. Mestre em Educação Escolar pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Mestrado e Doutorado Profissional da Universidade Federal de Rondônia (PPGEEProf/UNIR). Especialista em Educação Ambiental pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Licenciada em Química pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Servidora técnica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. E-mail: janelene.diniz@ifro.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5396-5576>. CV: <http://lattes.cnpq.br/4378126076884163>.

² Doutor em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Rondônia. Professor titular da Universidade Federal de Rondônia. Chefe do Departamento Acadêmico de Filosofia da Universidade Federal de Rondônia. Líder do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação Ambiental no Contexto Amazônico, localizado na Universidade Federal de Rondônia. E-mail: clarides@unir.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2950-9033>. CV: <http://lattes.cnpq.br/4572407003327880>.

por la poeta, ambientalista y activista indígena Márcia Wayna Kambeba para reflejar la urgencia del cambio climático. La poética de Kambeba lleva consigo el potencial ancestral de conexión con la Madre Tierra, la sabiduría de quienes aprendieron de su pueblo a preservar la pertenencia y el respeto por la naturaleza. Cada palabra, cada verso evoca una percepción de un mundo respetuoso, ecológico y solidario, de quienes permanecen conectados con la Tierra. Su sensibilidad y resistencia poética nos invitan a repensar el modelo actual de sociedad capitalista, en el que el capital económico prima sobre la vida, el beneficio sobre el bosque, el individualismo sobre la colectividad. Así, pensamos que reflejar los cambios climáticos provocados por las acciones humanas debido a las formas hegemónicas de vivir en un mundo globalizado, a través de este poder poético que inspira y llama al cambio, puede ser visto como una práctica de resistencia para contribuir a la formación de sujetos ecológicos según Carvalho (2017).

Palabras clave: Poesía. Márcia Wayna Kambeba. Cambio climático. Tema ecológico.

INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas estão mais evidentes a cada dia que passa. Seus efeitos já podem ser observados em todos os países do globo, comprometem ecossistemas, ameaçam a biodiversidade e a própria existência. Todos são afetados, porém os seus impactos são vivenciados com muito mais intensidade pelas populações em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Na visão de Kerexu e Julião, (2023), as mudanças climáticas já são sentidas por todas as pessoas, e há uma convivência com os fatores que a cada dia se agravam, porém pouco se tem reagido em relação a isso.

Nesse contexto, Dias (2014, p. 36) reconhece que: “A mudança climática global é um fato”. Para o autor é difícil negar temporais, inundações, secas, incêndios florestais, pragas e outras catástrofes ambientais anunciadas todos os dias pelas mídias. Pensar e agir em busca de adaptação, mitigação e transformações que auxiliem para amenizar, e evitar que se intensifique a dor de bilhões de pessoas em todo o mundo, é a tarefa, é o desafio.

Diante das mudanças climáticas e seus impactos globais, é urgente acionar outros modos de vida e outras formas de produção econômica, para além da visão capitalista e eurocêntrica. Nessa direção, os povos indígenas e seus saberes ancestrais apresentam uma força ancestral e educativa para refletir a urgência das mudanças climática, podendo estimular na necessária construção de uma consciência ecológica nos sujeitos, despertando para a importância de construirmos coletivamente práticas de resistência e superação.

Em uma época marcada pela degradação ambiental, a poética originária de Márcia Wayna Kambeba configura como uma fonte de inspiração e aprendizados para

resistir frente as mudanças climáticas e compor alianças em prol da construção de um mundo mais sadio e sustentável, com sujeitos mais ecológicos na perspectiva de Carvalho (2017).

A poesia de Kambeba reverbera uma percepção de mundo cuja expressão máxima é o pertencimento à terra, na qual a relação com a natureza é essencialmente constituída por meio do respeito a todos os seres, da observação e da escuta atenta aos sinais que a própria natureza desvela. Uma percepção ampla, conexa e integrada que se contrapõe à visão predatória e reducionista presente no modelo capitalista, no qual a natureza é reduzida a um mero recurso a ser superexplorado.

Nesse ensaio teórico buscamos tecer reflexões sobre a potencialidade da poesia ancestral dessa importante liderança indígena, escritora, compositora, fotógrafa e ativista para impulsionar o desejo da transformação dos nossos modos de estabelecer relações com a natureza, para transpor os moldes capitalistas que mercantilizam a vida, ao mesmo tempo em que buscamos promover a religação com a terra e o desenvolvimento de relações mais ecológicas e harmônicas.

SENSIBILIDADE E RESISTÊNCIA QUE EMANAM DA FLORESTA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A POÉTICA DE KAMBEBA

Márcia Wayna Kambeba pertence ao povo Omágua/Kambeba no Amazonas, Alto Solimões, nascida na Aldeia Belém do Solimões do povo Tikuna, sua escrita poética e sensível evoca convocando para um pensamento decolonial, ecológico e crítico-reflexivo.

A música, a poesia e a literatura cabem em todos os lugares e é importante para o professor estabelecer conexões com seus alunos e, através dos textos, fazer com que eles vivenciem outros lugares, com diferentes povos, respeitem outras culturas e se permitam novas descobertas, sentimentos, emoções, sem medo de arriscarem-se a viver o novo (Silva e Rettenmaier, 2025, p. 6-7).

Nesse sentido, as poesias dessa importante liderança indígena podem se configurar como uma potente prática de resistência, bem como um convite a um reencontro com a ancestralidade, com a Mãe-Terra.

Silva e Rettenmaier (2025), revelam que a literatura de Kambeba emerge com o objetivo de partilhar saberes da floresta e fazer girar reflexões e práticas comprometidas

com formas diversas de pensar o mundo, as relações, os modos de aprender baseados nos ensinamentos e nas vivências que a floresta pode proporcionar. Os autores reconhecem que a produção poética da autora revela-se como um fio que abre caminhos, promove aproximações entre os saberes das comunidades originárias e as populações que vivem nas cidades, ampliando possibilidades de visões de mundo e estimulando novas formas de aprendizados.

Assim, Kambeba faz da sua poesia um território de resistência, ancestralidade e pertencimento à floresta, à Mãe-Terra. Referência de potência feminina, essa importante mulher indígena do povo Omágua/Kambeba, por meio da força e sensibilidade dos seus versos, entrelaça a sabedoria milenar de um povo originário que preservou suas raízes ligadas a terra, ao mesmo tempo em que denuncia violências coloniais históricas, propõe novos caminhos fundamentados na escuta e convivência harmoniosa com a natureza.

Nessa esteira, Azevedo e Rocha, observam que Márcia Kambeba é uma das escritoras indígenas que cruzou a fronteira da oralidade e trilhou o mundo das sociedades letradas e, com sua escrita, transpõe para a obra literária os conhecimentos, as crenças, as tradições do seu povo indígena e as denúncias de como a natureza, sob forte opressão dos ocidentais, vem sendo degradada ao longo dos tempos.

Cada palavra, cada verso de suas poesias, compõem um enredo ancestral e ecológico, revelam uma percepção de mundo respeitoso, ecológico e solidário, de quem permaneceu em conexão com a Terra, de quem sempre habitou a floresta, os rios numa profunda sintonia com todas as formas de expressão da vida.

Conforme observam Silva e Rettenmaier (2025, p.9), “Em seus textos, Kambeba transmite sua ancestralidade para compreendermos a íntima relação entre a floresta e seus povos, uma literatura que encanta e desperta reflexões sobre o respeito a natureza.”

Nesse encadeamento, Kambeba escreve com a força de quem preservou a ligação com a grande Mãe, com a sabedoria de quem permanece profundamente conectada à floresta, à força de quem carrega a resistência ancestral, com a indignação de quem luta contra a devastação ambiental. Sua escrita carrega afetos e denúncias, constrói pontes entre o mundo indígena e o não-indígena. “Vivemos sobre a proteção de uma vasta floresta chamada Amazônia, berço de grandes culturas, ricas em saberes que podem contribuir com a sociedade não indígena” (Kambeba, 2020b, p. 15).

Ela nos convida a assumir um lugar de diálogo com os conhecimentos originários, com suas lutas e seus modos de vida. Com sua escrita, Kambeba questiona os paradigmas hegemônicos do modelo de sociedade capitalista e oferece por meio de suas poesias resistência e possibilidades para o desenvolvimento de práticas de Educação Ambiental, para o enfrentamento às mudanças climáticas e a devastação da natureza.

Silva e Rettenmaier (2025, p. 8), consideram que:

A obra de Márcia Wayna Kambeba traz uma visão decolonial sobre as populações indígenas, sua cultura e ensinamentos que são capazes de manter a preservação da floresta. Com uma linguagem com traços da história oral e da literatura de cordel, ela parte dos próprios versos e de um olhar filosófico e político para refletir sobre a educação ambiental e a identidade nas aldeias.

Há, em sua obra, a potencialidade do protagonismo indígena, cada verso pulsa e evoca como um chamado para reconectar com a terra, para romper com as amarras do mundo do mercado orientado sob a égide do capital econômico e compor modos de vida mais ecológicos e respeitosos com a Mãe-Terra, com a natureza. O poeta Miguel Antonio d'Amorim Junior, prefaciando em “*Ay Kakyri Tama*”: eu moro na cidade (2022), declara que:

Suas poesias reúnem a força do rio Amazonas, o encanto da floresta, o sabor do açaí, a voz dos ancestrais, o silêncio de guerreiro, o poder originário da água, a alma sagrada da samaumeira: árvore da vida e resistência da terra, mãe que amamenta os filhos das águas do Solimões e demais filhos existentes nesse país (D'Amorim Júnior, 2022, p. 15).

Suas obras emanam a força e a sabedoria da floresta, sua sensibilidade e resistência poética convidam a repensar o modelo atual de sociedade capitalista, no qual o capital econômico se sobrepõe à vida, Kambeba por meio da sua poética convoca para um reencontro ancestral, para uma coexistência com base na escuta, na filiação à terra, reconhecendo-a como generosa mãe, na união com a floresta, saboreando seus frutos cuidando e por ela sendo cuidado.

Silva (2021), reconhece que a poética de Márcia Kambeba, apresenta-se como manifestação do ativismo contemporâneo originário, confiando aos próprios indígenas o lugar de protagonismo quanto à interlocução de suas culturas, tradições, saberes e resistências.

Rodrigues *et. al.* (2020) observam que as poesias de Kambeba atravessam temas vitais para o seu povo, língua, luta, resistência, território, territorializar e se

desterritorializar, memórias, tradição e identidade indígena.

Assim, por meio das suas poesias, é possível conhecer outras formas de viver, de se conectar com o meio ambiente, perceber a importância do saber ancestral, dos conhecimentos ensinados de geração a geração podem se constituir como forma de resistência em tempos sombrios de mudanças climáticas possibilitando que novos caminhos sejam percorridos para formar sujeitos mais ecológicos fundamentados no respeito a todas as formas de vida.

Nessa linha de pensamento, Silva e Rettenmaier (2025, p. 7), reconhecem que:

A literatura dos povos originários pode despertar o senso crítico para a preservação ambiental e o respeito à situação dos povos da floresta, por isso sua importância para a formação do indivíduo; dessa forma, teremos oportunidades de conhecer, valorizar e preservar a multiculturalidade em nosso país, pois, com tantas diferenças existentes, como características próprias do povo brasileiro, a leitura, reflexão e o pensar crítico devem ser incentivados nas salas de aula para o próprio desenvolvimento dos alunos como pessoas que respeitam o meio ambiente e os povos que vivem na floresta.

Tecer saberes e vivências socioambientais a partir da poética ancestral dos povos indígenas, configura-se como potencialidade ecológica para o necessário movimento de transformação de paradigmas ambientais vigentes. Os encontros com a sabedoria desses povos que possuem uma cosmovisão integrada da vida, uma conexão intrínseca e ancestral com a natureza e um alinhamento à coletividade, proporcionam outras possibilidades de organização social e de compreensão da vida, mais ecológicas e sadias, que nos revelam sensibilidade, sustentabilidade e força para refletir e resistir às mudanças climáticas e às inúmeras formas de alienação e degradação do tempo que vivemos.

“O TEMPO DO CLIMA”: POESIA INDÍGENA PARA INSPIRAR A FORMAÇÃO DE SUJEITOS ECOLÓGICOS EM TEMPOS DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Segundo Carvalho (2017), o sujeito ecológico é concebido como uma figura ideal que sustenta a utopia daqueles que creem nos valores ecológicos, tendo, por isso, um papel essencial na mobilização em torno de um projeto de sociedade e na disseminação dessa proposta. Para a autora, não se trata de uma pessoa ou grupo plenamente ecológico em todas as dimensões de sua vida, nem de um código normativo a ser seguido de forma absoluta por todos que se inspiram nesse modelo. Por sua condição

de ideal, é fundamental compreender quais valores e crenças centrais constituem esse sujeito e de que forma ele opera uma orientação de vida, expressando-se de maneiras diversas, por meio das características pessoais e coletivas de sujeitos e grupos, situados em suas respectivas condições sócio-históricas de existência.

Assim, o sujeito ecológico na perspectiva de Carvalho, é um ser humano que tem uma identidade ecológica, suas práticas de vida são orientadas por valores ecológicos, ou seja, é um sujeito que possui uma consciência ética e política sobre o impacto de suas ações no planeta e age no seu cotidiano de modo ecológico.

A existência de um sujeito ecológico evidencia não apenas um modo individual de ser, mas, sobretudo, a possibilidade de um mundo transformado, compatível com esse ideal. Estimula esperanças de viver melhor, de felicidade, de justiça e de bem-estar. Além de ser fonte de identificação para os ativistas e ecologistas, mobiliza sensibilidades que podem ser experienciadas por muitos segmentos de nossa sociedade. Os educadores que cultivam as ideias e sensibilidades ecológicas em suas práticas educativas estão sendo portadores dos ideais do sujeito ecológico Carvalho (2017).

Isabel de Carvalho, propõe que por meio da perspectiva da formação de um sujeito ecológico, a educação ambiental deve romper as fronteiras das salas de aula, não deve se limitar à transmissão de informações, mas deve fomentar experiências que provoquem deslocamentos subjetivos e mobilizem afetos, imaginação e reflexão crítica.

Marques, Oliveira e Rocha (2019), destacam que a constituição do sujeito ecológico acontece durante toda sua vida, por meio das suas vivências, experiências cotidianas e envolvimento com o meio ambiente.

Souza e Pato (2023), dizem que um sujeito ecológico, é um ser que se entende como um ser inteiro e um ser de relações, inserido em um contexto sistêmico e multirreferencial.

Um sujeito ecológico em formação é visto com um ser praticante de ações sustentáveis, colocando a Educação Ambiental em seu dia a dia de forma natural, sem sentir-se pressionado por isso, mas que pratica a Educação Ambiental espontaneamente, pois compreende que a mudança de suas ações, de seus comportamentos tem um impacto direto com o meio ambiente (Borges e Paula, 2022).

Oliveira (2021), revela que as pessoas com atributos do sujeito ecológico,

seguem um modo de vida cuidadoso de se relacionar com as demais formas de vida humana e não humana, além disso, possuem responsabilidade, cuidado e solidariedade com o meio no qual estão inseridas, possuem uma postura permanente, seus valores e suas crenças são firmes e definidos, apontam na direção de uma atitude ecológica no cotidiano de suas vidas.

Na concepção de Carvalho (2017), sujeito ecológico é alguém que tem seus modos de existência orientados por princípios ecológicos. Reconhecemos que, face à emergência das mudanças climáticas, é fundamental que possamos construir estratégias de conscientização que contribuam para a formação de sujeitos ecológicos, de modo a compor ações de enfrentamento, de forma articulada e participativa na luta que em defesa do clima e da sobrevivência de todos os seres.

Nesse entendimento, ao olhar para os povos originários nas suas formas de estabelecer relações com a natureza, reconhecemos modos de vida profundamente alinhados com essa perspectiva do sujeito ecológico. Diniz e Barba (2024), consideram que os povos indígenas nos inspiram a repensar, a resistir, a redescobrir novos sentidos, despertam-nos o desejo uma existência conectada com o meio, convidam-nos a unir forças na luta pela terra, que é também uma luta pela vida.

Nessa esteira, a conexão com a terra, com natureza constitui o sagrado dos povos indígenas. Para esses povos, a terra não se resume a um local da coleta do alimento material, é, sobretudo, fonte da conexão com seus ancestrais e o que garante equilíbrio das forças positivas e negativas do universo (Regô, Oliveira, Tolomei, 2022).

Frente às mudanças do clima urge estabelecermos modos de relações mais respeitosos com o nosso planeta. Assim, é essencial abrir caminhos para outras perspectivas de conhecimentos ambientais que impulsionem a reconexão ser humano e natureza. Por meio da força poética de Kambeba somos convidados a considerar outras formas de existência e de reconhecer saberes fundamentados na ligação e respeito a Mãe-Terra e a todas as formas de vida, podendo contribuir para inspirar modos de vidas alinhados a perspectiva do sujeito ecológico conforme Carvalho (2017). A seguir tecemos algumas reflexões a partir da poesia “O Tempo do Clima” de autoria da originária Márcia Wayna Kambeba juntamente para formação de sujeitos mais ecológicos..

“O Tempo do Clima” transporta consigo a potência da ancestralidade, da

conexão com a Mãe-Terra. Com estima e reverência, apresentamos as palavras Kambeba (2020a), evocadas na obra “*O lugar do saber*”:

E houve um tempo
Onde dançavam as borboletas,
Na grama verde pousavam para descansar
E ouvir o canto do vento ecoar.

Houve um tempo em que o sol
Brilhava mais forte,
Clareando o caminho com paz e bem,
Amadurecia o fruto,
Não prejudicava ninguém.

Houve um tempo
Em que a terra no seu esplendor,
Alimentava o mundo com alegria e amor,
Dela brotava a planta, tinha respeito e valor.

Houve um tempo
Em que a lua virava Naiá,
E o sol se escondia para essa dama brilhar,
Na noite escura ela chamava as encantarias,
Protetores da mata, rio e mar.

Mas o homem, filho da terra,
Que por ela foi moldado,
Escravidado na arrogância,
Dinheiro, um pecado,
Secou o rio, retalhou a terra,
Deixou tudo mudado.

Espantou os animais,
Enganou os encantados,
Arrancou a samaumeira,
E os pássaros desesperados,
Procuraram uma morada,
Só viram um descampado.

O sol ficou furioso,
A pele fez arder,
A lua entristecida
Num eclipse se escondeu.

A água não teve pena
De quem dela se esqueceu,
Deixou de correr
E em uma barragem envelheceu.

A inteligência humana
Não parou de atacar,
A queimada e derrubada
Afetaram até o ar,
Respirar é um problema,
A fumaça não vai parar.

O clima foi alterado,
Meu rio mudou o rumo,
Minha roça secou no verão,
Perdi até meu fumo,
A aldeia não viu mais peixe.
Cadê o pirabutão?

A macaxeira não criou raiz,
Minha aldeia virou sertão,
Da fonte que eu bebia
Restou a recordação.

Sinto cheiro de poluição
Envenenando a nação,
Para ajudar o clima

Precisamos do tempo
Só o velho ancião
Pode controlar a máquina da destruição. Kambeba (2020a, p.27).

A poética de Kambeba expressada nos versos do poema “O Tempo do Clima” é um lamento e um chamado, rememora desde os tempos em que a natureza era casa e mãe, respeitada em plenitude, até os dias atuais, marcados pela degradação produzida em função do modo de vida moderno, capitalista e desconectado da Terra. Por meio de uma linguagem sensível, que entrelaça memória ancestral, cosmologia indígena e crítica socioambiental, o poema tece uma potente denúncia das violências ambientais e, ao mesmo tempo, delinea caminhos para a formação de um sujeito ecológico, como propõe Carvalho (2017).

Nos seus versos é possível reconhecer a presença de um tempo originário, onde

humanos, animais, elementos da natureza e encantados coexistiam em grande harmonia. Esse tempo, distante de ser apenas um passado idealizado, abre caminho como horizonte utópico, como uma inspiração, uma referência para repensarmos o presente e reencantarmos o futuro.

Assim, acreditamos que o poema de Kambeba dialoga profundamente com o conceito de sujeito ecológico: tal como concebe Carvalho, segundo o qual, trata-se de um modelo ideal, orientador, que não requer perfeição ecológica, mas o compromisso de ressignificar os modos de ser e viver no mundo a partir de valores como respeito, cuidado, interdependência e justiça.

“O Tempo do Clima” também pode corroborar para provocar rupturas nas formas habituais de pensar e agir, por meio da sensibilidade e força ancestral que autora emana, evoca uma concepção de mundo do povo Omágua/Kambeba, um povo que devido aos seus modos de vida em sintonia com a natureza, visivelmente são sujeitos ecológicos, são sujeitos que mantiveram suas raízes profundamente ligadas à floresta.

Ela evoca imagens como o “pirabutão” que desaparece, a “macaxeira que não criou raiz” e a “aldeia que virou sertão”, Kambeba compõe uma poética da degradação, mas também da resistência, seus versos convocam a refletir e sentir a dor da Terra ferida, do desaparecimento dos animais, da perda, alerta que o clima foi alterado em função das ações do ser humano que rompeu uma relação de uma harmonia com a Grande-Mãe e passou a tratá-la de forma predatória. Suas palavras tocam, chocam e despertam para a urgência de unir esforços na formação de sujeitos comprometidos com a transformação ecológica e social.

No verso final, a autora anuncia o valor do saber ancestral, como possibilidade de reconexão com formas sustentáveis de existência. Nas suas palavras: “Só o velho ancião/Pode controlar a máquina da destruição”. Apenas o “velho ancião” guardiões da floresta, aqueles que possuem e preservam a sabedoria originária, podem nos ajudar a pensar e agir para além do capital econômico.

Em nossa concepção esses potentes e sensíveis versos podem se constituir como potencialidade educativa acerca das mudanças climáticas, contribuindo para a formação de sujeitos ecológicos, visto que, ao mesmo em que revelam os impactos e alterações climáticas provocadas em função das ações humanas nos ciclos naturais da vida no planeta, despertam a memória de um outro tempo completamente diferente do atual, no qual a vida

da Mãe-Terra era tratada com o merecido respeito e era livre para fluir, imaginar esse outro tempo nos impulsiona a fazer outras releituras de mundo e reconhecer que é possível viver de forma muito mais sadia, sustentável e respeitosa com a nossa casa comum e com todos os seres que partilham dela conosco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de sua poética de anunciação e resistência, Kambeba entrelaça memória ancestral, cosmologia indígena e crítica socioambiental, constitui-se como potente movimento pedagógico e político na formação de sujeitos ecológicos. Ao evocar um tempo originário de harmonia entre seres humanos, natureza e encantados, o texto desperta não apenas para uma poética da degradação ambiental, mas também para uma poética do cuidado, do pertencimento e do desejo da transformação dos paradigmas atuais.

Nesse sentido, é possível articular-se ao conceito de sujeito ecológico proposto por Carvalho (2017), compreendido como um ideal orientador que expressa valores e crenças ecológicas, operando agindo com uma orientação de vida que se manifesta de formas diversas, conforme as condições sócio-históricas dos sujeitos e grupos.

“O Tempo do Clima”, sensibiliza sobre a dimensão da degradação ambiental, reafirma a importância dos saberes ancestrais e da reconexão com modos sustentáveis de existência, apontando caminhos para a superação das mudanças climáticas por meio de uma perspectiva de educação ancestral, sensível e crítica.

As mudanças climáticas devem ser seriamente discutidas engajando todos os segmentos da nossa sociedade globalizada. Dada a sua emergência e importância carece estar presente no cotidiano escolar e para além dele. Os povos indígenas com as suas formas sensíveis e conectadas, não eurocêntricas e não capitalistas de compreender o mundo podem contribuir de forma significativa no necessário movimento de repensar ações destrutivas e modos de vida orientados em função do capital econômico.

Nessa direção, acreditamos que a poesia indígena pode cooperar de forma significativa para a conscientização e reconexão com a Terra, colaborando para a composição de práticas de sensibilização e enfrentamento diante das alterações climáticas que ferem brutalmente o planeta.

Consoante a isso, a poesia é também vista como potencialidade educativa para

sensibilizar e despertar a consciência crítica que precisa emergir na sociedade contemporânea. Em um mundo capitalista e globalizado onde o lucro se sobrepõe à floresta, o individualismo à coletividade, as poesias de Kambeba emocionam e convocam a fazer as pazes com a Mãe-Terra, a romper com formas predatórias de vida.

Tamanha força poética pode contribuir não apenas para a crítica às causas das mudanças climáticas, mas também para a formação de sujeitos ecológicos que, conforme Carvalho (2017), consiste em um modo de estar no mundo fundamentado no respeito e comunhão com a vida em todas as suas formas.

REFERÊNCIAS

Borges, Murillo Ferreira de Oliveira. Paula, Marcos Vinícius Guimarães de. **Educação Ambiental na Escola: Contribuições para a Formação do Sujeito Ecológico**. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Pedagogia na Modalidade a Distância, Hidrolândia, 2022.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2017. [Livro eletrônico]

D'AMORIM JÚNIOR, M. A. Prefácio. In: KAMBEBA, M. W. **Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade**. São Paulo: Jandaíra, 2022.

DIAS, Genebaldo Freire. **Mudança Climática e Você: Cenários, Desafios, Governança, Oportunidades, Cinismos e Maluquices**. São Paulo: Gaia, 2014.

DINIZ, Janelene Freire; BARBA, Clarides Henrich de. Entrelaçando fios de saberes socioambientais e indígenas na formação inicial de professores da Amazônia. **Revista Educação**, 49 (1), e36/1-25, 2024.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber**. São Leopoldo: Casa Leiria, v.1, 2020a. [Livro eletrônico]

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Saberes da Floresta**. São Paulo: Jandaíra, 2020b.

KEREXU, Juliana. JULIÃO, Cristiane. **Emergência climática: povos indígenas chamam para a cura da Terra!** In: SCHWINGEL, K.(org.). Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia: Conselho de Missão entre Povos Indígenas, 2023.

MARQUES, Thais Santos. OLIVEIRA, Endell Menezes de. ROCHA, William Monteiro. A Formação de Sujeitos Ecológicos: um estudo do coletivo jovem de meio ambiente. **Revista REAMEC**, Cuiabá - MT, v. 7, n. 2, jul/dez 2019.

OLIVEIRA, Luciara de Souza Bispo. **Educadores ambientais na Perspectiva do Sujeito Ecológico no Estado de Rondônia**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação – Mestrado Acadêmico em Educação, da Fundação da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, 2021.

RÊGO, Angela Bárbara Lima Saldanha. OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim. TOLOMEI, Cristiane Navarrete. *Ay Kakuyri Tama*, eu moro na cidade: a poesia filosófica indígena de Márcia Kambeba no contexto do Estado-nação brasileiro. **Revista Estud.lit. bras. contemp.** Brasília, n. 65, 2022.

RODRIGUES, Wallace, *et. al.* Sobre Poesia Indígena: O Caso do Poema “Ay Kakuyri Tama (Eu Moro na Cidade)”, de Márcia Wayna Kambeba. **Revista Entreletras**, (Araguaína), v. 11, n. 1, jan./abr. 2020.

SILVA, Alessandra Cegobia Andrade. RETTENMAIER, Miguel. Literatura Indígena e Educação Ambiental, um diálogo. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 60, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2025.

SILVA, Jairo da Silva e. Ancestralidade, Saberes e Resistência Indígena: A Poesia de Márcia Wayna Kambeba em o Lugar do Saber. **Asas da Palavra**, v. 18 | n. 1 | jan./jun. 2021.

SOUZA, Angela Maria de. PATO, Claudia Marcia Lyra. O sujeito ecológico na formação docente e as contribuições autoformativas da meditação(mindfulness), respiração e corporeidade. **Revista Ambiente & Educação**, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental –PPGEA/FURGv. 28, n. 1, Julho, 2023.